

A ESTRATIFICAÇÃO FONÉTICA DAS MARCAS DE CONCORDÂNCIA VERBAL EM FLORIANÓPOLIS

Raquel Gomes Chaves
Universidade Federal de Pelotas

1. INTRODUÇÃO⁷⁰

Neste capítulo, investigamos a variação na produção fônica das formas verbais de terceira pessoa do plural (CVP6), tomando como base apenas a variante marcada (*eles falam, eles pensavam, eles disseram*). A título de ilustração, a terminação da forma verbal *compram* pode ser associada, ao menos, às seguintes produções de superfície: (i) realização de ditongo nasal átono final (*compr[ẽw̃]*); (ii) realização de monotongo nasal átono (*compr[õ]*); ou, ainda, (iii) realização de monotongo oral átono (*compr[u]*).

Há uma extensa bibliografia que trata do fenômeno variável de marcação de CVP6 em dados do português brasileiro (PB) (NARO, LEMLE, 1976; LEMLE, NARO, 1977; NARO, 1981; GUY, 1981; NICOLAU, 1984, 1995; VIEIRA, 1995, 1997; SCHERRE, NARO, 1997; LUCCHESI, BAXTER, ALVES DA SILVA, 2009; NARO, SCHERRE, 2007; MONGUILHOTT 2001, 2009; BARDEN, 2004; CHAVES, 2016, 2017; FERMINO, 2017, entre outros). Em sua maioria, os estudos citados foram desenvolvidos na perspectiva da Teoria da Variação e

⁷⁰ Agradeço a Glauber Kist pela leitura cuidadosa e pelas sugestões feitas. Destaco, no entanto, que quaisquer equívocos são exclusivamente de minha responsabilidade.

Mudança Linguística (TVM) (WLH, 2006[1968], LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001), apresentando análises binárias as quais contrapunham formas marcadas (Eles *compram*) a formas não marcadas (Eles *compra*Ø).

No entanto, as possíveis realizações fônicas da variante marcada vêm ganhando atenção dos estudiosos em função: (i) da literatura relativa ao fenômeno, também variável, de redução/desnasalização de ditongos nasais átonos finais⁷¹ (RED/DES) (vag[êj], ~ vag[i] – *vagem*; eles com[êj] ~ eles com[i] – *eles comem*, órgão ~ órg[õ] – órgão; eles fal[ẽw] ~ eles fal[õ] – *eles falam*), processo fonológico que se relaciona diretamente à marcação de CVP6; e (ii) das reflexões críticas acerca do “princípio de saliência fônica” (NARO, 1981).

Os estudos centrados no processo fonológico variável de RED/DES em dados do PB (VOTRE, 1978; BATTISTI, 2002; BOPP DA SILVA, 2005; SCHWINDT, BOPP DA SILVA, 2009; SCHWINDT, BOPP DA SILVA, QUADROS, 2012; GOMES, MESQUITA, FAGUNDES, 2013; CHAVES, 2017; DE BONA, 2018, entre outros) indicam a natureza morfofonológica do processo ao destacarem uma diferença relevante na aplicação do fenômeno em verbos e não verbos⁷². Em linhas gerais, nos estudos referidos, as realizações dos ditongos nasais átonos finais tendem a ser preservadas, com mais frequência, em formas verbais (*compram, dizem*) do que em formas não verbais (*vagem, órgão*). Observa-se, portanto, tendência de manutenção do ditongo e da nasalidade em verbos, nos quais a terminação carrega informação morfológica (desinência número-pessoal).

Em relação à variável saliência fônica, muito se tem discutido desde a proposta pioneira de Naro (1981). Em poucas palavras, o grupo de fatores controlado nos estudos sobre a marcação de CVP6 assume que quanto maior for a diferença fônica entre formas verbais singulares e plurais, tanto maior a chance de verificarmos a marcação da concordância. Entre os estudiosos que analisaram criticamente essa variável (GUY, 1981; NICOLAU, 1984, 1995; CHAVES, 2014; VIEIRA, BRANDÃO, GOMES, 2015; CHAVES, KIST, 2018; FREITAG, 2018), muitos defendem um olhar mais atento para a realização fonética da concordância no intuito de refinar a escala que, muitas vezes, ao ser aplicada, leva em conta apenas diferenças ortográficas na comparação singular/plural.

⁷¹ Rotulamos o fenômeno de redução/desnasalização de ditongos nasais átonos finais por constatarmos que não existe possibilidade de desnasalização do ditongo, ou seja, uma forma como *brincam*, jamais será realizada como *brinc[aw]. Dessa forma, não nomeamos o fenômeno de redução da nasalidade ou desnasalização de ditongos nasais átonos finais.

⁷² Schwindt, Bopp da Silva e Quadros (2012), além de apontarem para a diferença entre verbos e não verbos, verificam, entre as formas verbais, tendência de aplicação de RED/DES superior em formas verbais no pretérito perfeito (*falaru, cantar*).

Apesar da grande intersecção entre os fenômenos variáveis de RED/DES e de marcação explícita de CVP6, poucos foram os estudos que analisaram a correlação entre ambos os fenômenos (GUY, 1981; GUY, 2013; CHAVES, 2014; SCHWINDT, 2015; CHAVES, 2017, entre outros). Da mesma forma, foi apenas na década de 2010 que os trabalhos passaram a dar mais destaque às possíveis realizações fonéticas na marcação da CVP6 no PB (CHAVES, 2014; VIEIRA, BRANDÃO, GOMES, 2015; ROCHA, 2018, entre outros)⁷³.

A partir do panorama apresentado, buscamos mensurar as possibilidades de realização superficial da marcação da CVP6 em dados de fala de Florianópolis, mais especificamente da localidade da Costa da Lagoa, os quais compõem a Amostra Chaves (2016)⁷⁴. Mais especificamente, procuramos investigar a possibilidade de estratificação social no uso de determinadas terminações fonéticas em detrimento de outras.

Este capítulo está organizado da seguinte forma. Na seção 2, exploramos o que postulam os manuais prescritivos sobre a marcação da concordância em dados de escrita, contrapondo-os ao que se tem descrito acerca de dados de fala. Além disso, revisamos estudos que abordaram a questão da marcação fonética dos ditongos em formas verbais flexionadas na terceira pessoa do plural⁷⁵ no PB. Na Seção 3, exibimos os procedimentos metodológicos empregados na condução desta pesquisa. Na Seção 4, expomos e discutimos os resultados atingidos neste estudo. Por fim, na Seção 5, tecemos algumas reflexões finais.

2. A CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS PADRÃO, NO PB CULTO E NO PB VERNACULAR

Conforme prescrevem os manuais normativos do português, a regra geral de concordância verbal é obrigatória. Postula-se que o verbo/locução verbal presente em uma oração deve concordar em número e gênero com o núcleo do sujeito com o(s) qual(is) se relaciona. Nas palavras de Cunha e Cintra (2008[1985], p. 510),

⁷³ Há estudos dedicados à análise da marcação fonética da concordância em dados do português europeu, entre os quais podemos aludir a Vieira e Bazenga (2015) e Bazenga (2015). Não abordamos os resultados desses estudos aqui em função de nosso interesse estar restrito a dados do PB.

⁷⁴ A Amostra Chaves (2016) é composta de 24 entrevistas nos moldes labovianos coletadas na comunidade da Costa da Lagoa (Florianópolis – SC). As entrevistas fazem parte, atualmente, da Amostra Complementar do Projeto Varsul – Agência UFSC.

⁷⁵ Nem todas as terminações verbais na terceira pessoa do plural apresentam o ditongo átono: como exemplo, podemos citar as formas *são*, *estão* e *dão* (todas com terminação tônica).

“a solidariedade entre o verbo e o sujeito [...] exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito”⁷⁶. Sendo assim, no português padrão, ao conjugarmos o verbo *trabalhar*, no presente do indicativo, temos, levando-se em conta todas as seis pessoas do discurso (cf. CAMARA JR, 2013 [1970]), o Quadro 7.1.

Quadro 7.1 – Paradigma verbal do português conforme manuais prescritivos da língua (conjugação do verbo *trabalhar* no presente do indicativo)

Pessoal/Número	Pessoa do discurso	Forma conjugada
Primeira pessoa do singular	P1	(Eu) trabalho
Segunda pessoa do singular	P2	(Tu) trabalhas
Terceira pessoa do singular	P3	(Ele) trabalha
Primeira pessoa do plural	P4	(Nós) trabalhamos
Segunda pessoa do plural	P5	(Vós) trabalhais
Terceira pessoa do plural	P6	(Eles) trabalham

Apesar da determinação imposta pelas gramáticas tradicionais, sabemos que tanto a norma culta, considerada neste texto como a que caracteriza a fala/escrita de sujeitos com alto grau de escolaridade, como a norma vernacular do PB, que para nós caracteriza a fala dos sujeitos com menor grau de instrução, não condiz com o que é apresentado no Quadro 7.1.

Cabe destacar que alguns compêndios gramaticais ainda não incorporaram ao seu quadro de pronomes retos as formas, empregadas tanto na fala como na escrita (culto e vernacular), “você” (2ª pessoa do singular – 2ª pessoa do discurso – P2), “a gente” (1ª pessoa do plural – 4ª pessoa do discurso – P4) e “vocês” (2ª pessoa do plural – 5ª pessoa do discurso – P5). Há consenso, na literatura, sobre o grande impacto provocado pela “entrada” dos pronomes referidos no paradigma pronominal sujeito do PB. Foram verificados, entre outros, efeitos no processo de concordância, principalmente por “você” e “a gente” serem, originalmente, formas de terceira pessoa (não marcadas).

No Quadro 7.2 a seguir, apresentamos a variação documentada no que diz respeito à concordância no paradigma verbal do PB.

⁷⁶ Além da existência da regra geral, apresentada anteriormente, as gramáticas tradicionais elencam uma série de casos particulares no que diz respeito à concordância de número, aos quais não nos deteremos aqui.

Quadro 7.2 – Paradigma de flexão verbal no português brasileiro culto e popular

Norma culta brasileira	Norma popular brasileira
eu trabalho	eu trabalho
você trabalha ~ tu trabalhas ~ tu trabalha	você trabalha ~ tu trabalha
ele/ela trabalha	ele/ela trabalha
nós trabalhamos ~ a gente trabalha	nós trabalha ~ nós trabalhamo(s) a gente trabalha ~ a gente trabalhamo(s)
vocês trabalham ~ vocês trabalha	vocês trabalha ~ vocês trabalham
eles/elas trabalham ~ eles/elas trabalha	eles/elas trabalha ~ eles/elas trabalham

Fonte: Adaptado de Luchesi, Baxter e Alves da Silva (2009, p. 333).

No que tange especificamente ao paradigma verbal de terceira pessoa do plural, foco de nosso interesse neste trabalho, são apontadas, por Luchesi, Baxter e Alves da Silva (2009, p. 333), duas possibilidades de realização (variantes) da concordância: Eles/Elas trabalha \emptyset (com presença de marca zero) e Eles/Elas trabalham (com presença do morfema número-pessoal *-m*). Segundo Guy (1981), ao analisarmos o fenômeno de concordância de número no PB, é possível afirmar que:

Os marcadores plurais envolvidos nessa variação são principalmente o sufixo *-s* no sistema nominal e nasalização das vogais finais, representados ortograficamente como *-m* e morf fonemicamente como *-N*, no sistema verbal. Muitas palavras em português mostram outras evidências de sua pluralidade, além do sufixo simples de *-s* ou *-N*, mas ‘sufixo simples’ é responsável pela grande maioria dos casos⁷⁷. (tradução nossa).

Assim, a ideia geral expressa por Guy (1981) vai ao encontro do que as gramáticas evidenciam, mesmo sem que os compêndios, em sua maioria, levem em conta a pronúncia dos falantes. No modo indicativo, nas formas verbais regulares de terceira pessoa do *presente*, *pretérito imperfeito*, *pretérito mais-que-perfeito* e *futuro do pretérito*, a única alteração ortográfica verificada, se compararmos a forma singular e a plural, é o emprego do grafema “m”, como exhibe o Quadro 7.3.

⁷⁷ No original: The plural markers involved in this variation are primarily the suffix *-s* in the nominal system and nasalization of final vowels, represented orthographically as *-m* and morphophonemically as *-N*, in the verbal system. Many words in Portuguese show other evidence of their plurality besides simple suffixation of *-s* or *-N*, but ‘simple suffixation’ accounts for a large majority of cases.

Quadro 7.3 – Paradigma flexional de terceira pessoa dos verbos regulares do português (1ª, 2ª e 3ª conjugação) no modo indicativo conforme prescreve a norma padrão

Modo indicativo			
Presente		Pretérito mais-que-perfeito	
pensa	pensam	pensara	pensaram
come	comem	comera	comeram
cumpre	cumprem	cumprira	cumpriram
Pretérito imperfeito		Futuro do presente	
pensava	pensavam	pensará	pensarão
comia	comiam	comerá	comerão
cumpria	cumpriam	cumprirá	cumprirão
Pretérito perfeito		Futuro do pretérito	
pensou	pensaram	pensaria	pensariam
comeu	comeram	comeria	comeriam
cumpriu	cumpriram	cumpriria	cumpririam

Ao observarmos a conjugação dos verbos regulares no modo indicativo, constatamos que apenas as formas verbais do pretérito perfeito (*pensou/pensaram*) e do futuro do presente (*pensará/pensarão*) não apresentam, nas contrapartes pluralizadas, o morfema *-m* (ou grafema “m”). No entanto, não podemos deixar de registrar que o *futuro do presente* apresenta baixa frequência de uso, ao menos em dados de fala, visto a prevalência de formas sincréticas (*vão pensar, vão falar*) em detrimento de formas analíticas (*pensarão, falarão*). Logo, a afirmação de Guy de que, na maioria dos tempos verbais, a nasalidade seria a única marca de pluralidade é corroborada. A exceção restringe-se ao *pretérito perfeito*, no qual se registram mais alterações na comparação entre verbo singular/plural, a saber: “apagamento” de segmentos na forma singular e “inserção” da terminação *-aram* (*comprou > comprou > compr -aram > compraram*). A mesma realidade é observada no modo verbal subjuntivo: tanto no *presente* (*pense/pensem*) como no *pretérito imperfeito* (*pensasse/pensassem*), a consoante “m” é responsável pela distinção entre formas singulares e plurais.

O fenômeno da marcação de CVP6 é caracterizado como variável no PB segundo diversos estudos⁷⁸ (LEMLE, NARO, 1976; NARO, LEMLE, 1977; NARO, 1981; GUY, 1981; VIEIRA, 1995, 1997; SCHERRE, NARO, 1997; NARO, SCHERRE, 2007; LUCHESI, BAXTER, ALVES DA SILVA, 2009; MONGUILHOTT, 2001, 2009; CHAVES, 2017; FERMINO, 2017, entre outros). Por outro lado, dados do português europeu (PE) indicam categoricidade ou semi-categoricidade na marcação da concordância, isto é, índices que oscilam

⁷⁸ É importante destacar que a concordância verbal em geral é variável (P2, P4, P5 e P6). Nos detemos apenas em P6 já que este é o escopo deste texto.

entre 95 e 100%⁷⁹ (Scherre, Naro, 1997; MONGUILHOTT, 2009; Vieira, Bazenga, 2015; Bazenga, 2015, entre outros).

No que tange especificamente a dados do PB, a produção fônica da variante marcada também tem recebido destaque nas últimas décadas. Naro (1981), ao formalizar a variável saliência fônica, elencou possibilidades sonoras de marcação da concordância de P6. Resumidamente, o autor delimitou uma hierarquia pautada na diferenciação em termos de material fônico (quantidade de material e acento) entre a forma singular e a plural de terceira pessoa. A hipótese do autor, atestada por estudos subsequentes, é a de que quanto maior a distinção entre singular e plurais, maior a probabilidade de marcação explícita de CV. A Tabela 7.1 ilustra a proposta de Naro.

Tabela 7.1 – Hierarquia de saliência fônica proposta por Naro (1981) com base na produção fonética de informantes cariocas em fase de Alfabetização (Projeto MOBREAL)

Hierarquia de saliência fônica
1. [-i/-ĩ] (comi/comiN)
2. [-a/-ũ] (fala/faluN)
3. [-Ø/- i] (diz/diziN)
4. [-á/-áw] (está/estão)
5. [-éw/-érũ, -íw/-írũ, -óy/órũ] (comeu/comeruN)
6. [-ó/-árũ] (falô/faláruN)
7. caso único (é/são)
8 [-Ø/-érũ, -i/-érũ] (disse/disséruN)

Fonte: Adaptado de Naro (1981, p. 75)

Segundo o autor, na variedade popular, os ditongos são produzidos exclusivamente quando sobre eles incidem acentuação (*dá/dão, é/são*). Nos casos em que a terminação na forma plural não é acentuada, apenas as formas monotongadas (orais e nasais) foram verificadas pelo autor. No que diz respeito à variedade culta, por sua vez, Naro aponta predominância na produção de formas verbais com presença de marca realizada com a variante fônica *ditongo nasal*, independentemente de o contexto ser tônico (*está/estão*) ou átono (*fala/falam*). O Quadro 7.4 mostra detalhadamente a estratificação da marcação de CVP6 descrita por Naro (1981).

⁷⁹ Cf. Labov (2003).

Quadro 4 – Realização fônica das formas de terceira pessoa do singular e plural na variedade carioca popular e culta

Classe	Forma Ortográfica (singular/plural)	Variante popular	Variante padrão
Presente			
1ª conjugação (regular)	<i>fala/falam</i>	[-a] [-ũ, -u, -ã]	[-a] [-ã]
2ª e 3ª conjugação (regular)	<i>parte/partem</i>	[-i] [-ĩ]	[-i] [-ẽỹ]
2ª e 3ª conjugação (-r ou -z)	<i>faz/fazem</i>	∅ [-ĩ, -i]	∅ [-ẽỹ]
Monossílabos	<i>dá/dão</i>	[-a] [-ãw̃]	[-a] [-ãw̃]
PRETÉRITO IMPERFEITO			
Todos os verbos	<i>falava/falavam</i>	[-a] [-ũ, -u, -ã]	[-a] [-ãw̃]
FUTURO			
Todos os verbos	<i>falará/falarão</i>	[-a] [-ãw̃]	[-a] [-ãw̃]
PreTÉRITO PERFEITO			
1ª conjugação (regular)	<i>falou/falaram</i>	[-o] [-arũ, -aru]	[-o, -ow] [-arãw̃]
2ª e 3ª conjugação (regular)	<i>aprendeu/aprenderam</i>	[-ew] [-erũ, -eru]	[-erãw̃]
2ª e 3ª conjugação (regular)	<i>partiu/partiram</i>	[-iw] [-irũ, -iru]	[-iw] [-irãw̃]
alternância acentual (irregular)	<i>trouxe/trouxeram</i>	[-i]	[-érãw̃]
mudança no radical (irregular)	<i>fez/fizeram</i>	∅ [-erũ, -eru]	∅ [-érãw̃]

Fonte: Adaptado de Naro (1981, p. 65, tradução nossa)

Depois de Naro (1981), poucos foram os estudos que abordaram diretamente a questão da variação fonética na marcação explícita de concordância de P6 em dados do PB. O trabalho de Guy (1981), mesmo que indiretamente, tratou da realização fônica da marcação explícita de P6 ao associar o fenômeno aludido ao processo também variável de RED/DES (*homem ~ home, vagem ~ vagi* – dados de não verbos, *come ~ comem, sabe ~ sabem* – dados de verbos). A interação fonologia/morfossintaxe, nesses dois processos, ocorre, pois, como mencionado, a pluralidade é marcada, em formas verbais de P6, essencialmente pela nasalidade que incide sobre o ditongo final.

Monguilhott (2001, 2009), autora que investigou a marcação da concordância de P6 em Florianópolis (2001, 2009) e em Lisboa (2009), mesmo sem exibir uma análise sistemática da distribuição das variantes fônicas da marcação da CVP6, apresentou, em todos os seus exemplos, a transcrição fonética das terminações verbais. Esse fato indica, além da percepção de diferentes formas de realização da CV, a relevância dada a esse aspecto pela autora. Alguns dos exemplos citados pela pesquisadora foram: “Eles *foru* me ensinando” (MONGUILHOTT, 2001, p. 57), “Eles ainda *dizi*” (MONGUILHOTT, 2001, p. 57) – ambos os casos com redução do ditongo e queda da nasalidade. Vale ressaltar que o fenômeno de RED/DES foi apontado por Schwindt e Bopp da Silva (2005) como muito frequente (cerca de 70% de aplicação) em dados de fala de Florianópolis.

Barden (2004), por seu turno, realizou uma pesquisa acerca da marcação da CVP6 em dados de Porto Alegre (RS), provenientes da Amostra Base do Projeto VARSUL. A autora analisou, fundamentalmente, marcas *versus* não marcas de P6. Contudo, seu estudo também contemplou as diferentes possibilidades de realização fônica da concordância, a saber: (i) presença total da flexão de terceira pessoa no verbo (formas com nasalidade presente) – “Eu conheço vários que *trabalhum* com carro” (BARDEN, 2004, p. 42) e (ii) presença parcial de flexão de terceira pessoa no verbo (formas sem presença de nasalidade) – “Os ladrão *entraru* em casa” (BARDEN, 2004, p. 42). Os resultados relativos ao cômputo das formas marcadas foram os seguintes: 57% de concordância total (terminações com presença de nasalidade) e 21% de concordância parcial (terminação sem presença de nasalidade). Em síntese, Barden verificou a predominância da variante “concordância com presença total da flexão” (marcas com ditongo ou monotongo nasal, portanto) em Porto Alegre⁸⁰.

Silva, Fonseca e Cantoni (2012) investigaram, com base em análise acústica, a redução de ditongos postônicos [ãw] em formas verbais de primeira conjugação nos seguintes tempos verbais: (i) presente do indicativo (*falam*), (ii) pretérito perfeito do indicativo (*fararam*), (iii) pretérito imperfeito do indicativo (*compravam*). As autoras estabeleceram uma relação entre o fenômeno de redução e a frequência de ocorrência tanto dos tempos/modos verbais quanto dos itens lexicais. Para isso, investigaram dados por meio da leitura de frases-piloto de 12 informantes naturais de Belo Horizonte (MG). Dessa maneira, de um total de 430 formas verbais, foi registrado 74,9% (302/430) de manutenção do ditongo. Na comparação entre os

⁸⁰ Barden (2004), no entanto, não exclui de sua análise dados que apresentam ditongo tônico como marca/parte da marca de CV (é/são, está/estão), casos de verbos muito frequentes e que, conforme os estudos sobre RED/DES afirmam, não sofrem ação do fenômeno (é/su*/está/estu*) – formas “agramaticais”. São dados excluídos de estudos de RED/ DES.

índices de apagamento, a depender do tempo/modo verbal, não foram verificados resultados significativos. Os índices de redução do ditongo a monotongos orais, no estudo, foram de 33,5% em casos do presente do indicativo (dados com maior frequência de ocorrência), 33% em casos do pretérito perfeito e 22,3% em casos do pretérito imperfeito. No entanto, Silva, Fonseca e Cantoni encontraram correlação positiva entre a redução do ditongo e a frequência dos itens lexicais específicos: quanto maior a frequência, mais casos de redução foram registrados.

Em Chaves (2014), apresentamos uma reflexão crítica a respeito da variável saliência fônica, apontando a necessidade de um olhar mais atento para a variação na expressão fonética das formas marcadas de P6 com vistas ao refinamento da variável linguística em questão.

Brandão, Vieira e Gomes (2015), na mesma direção, reafirmaram a necessidade de um estudo aprofundado da expressão fonética das marcas de CVP6. As autoras apresentaram uma análise-piloto pautada na realização fônica das formas de terceira pessoa de dois informantes do *Corpus Concordância*⁸¹. Ambos eram residentes de Copacabana, com faixa etária classificada como a dos mais velhos (56 anos ou mais), sendo um de baixa e outro de média escolaridade. No que diz respeito aos dados levantados, as pesquisadoras analisaram tanto terminações com ditongos tônicos (*são, estão*) como com ditongos átonos (*pensam, temem*).

Do total de 137 dados, 54% (75/136) apresentaram marca explícita de concordância. Desses 75 casos, 20 contabilizam dados em que temos terminações tônicas, as quais, conforme destaca a literatura sobre RED/DES, não são afetadas pelo fenômeno fonológico. Sendo assim, apresentamos os resultados referentes a 55 formas verbais com terminação em ditongo átono. Nos 12 dados no presente do indicativo, houve predominância (66,7%) de monotongos nasais na marcação de CVP6. Em relação ao pretérito perfeito do indicativo, verificaram-se índices relevantes de forma monotongada nasal (48,7% - 19/39) e de formas monotongadas orais (38,4% - 15/39) para expressão de CV. Por fim, no que toca às formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo, a mesma tendência foi observada: 75% (3/4) de uso da variante monotongo nasal.

Em Chaves (2017), investigamos a correlação entre os fenômenos de marcação explícita de CVP6 (*eles comem ~ eles come, eles falaram ~ eles falou*) e de RED/DES (*vagem ~ vagi, órgão ~ órgu*) em dados de fala de Florianópolis.

⁸¹ O *Corpus Concordância* é uma base de dados composto por duas amostras: uma de dados do PB (dados do Rio de Janeiro) e outra de dados do PE (dados de Oeiras-Lisboa, Cacém e Funchal), iniciativa das Professoras Silvia Vieira e Silvia Brandão (UFRJ). Disponível em: <https://corporaport.letas.ufrj.br/corpora/corpus-concordancia/> Acesso em: 10 de maio de 2020.

Apesar de termos controlado, com base em uma inspeção acústica, a realização dos ditongos nasais átonos finais em situação de concordância, apresentamos a distribuição geral de cada uma das realizações fonéticas sem observarmos sua estratificação social. Constatamos, no estudo, no entanto, prevalência de uso das formas reduzidas e desnasalizadas na comunidade da Costa da lagoa (predomínio da variante monotongo oral, portanto).

Rocha (2018), por sua vez, dando continuidade ao estudo de Vieira, Brandão e Gomes (2015), também buscou mapear os padrões fônicos de marcação de CVP6. Foram considerados 24 inquéritos de fala (*Corpus Concordância*), sendo 12 de Nova Iguaçu e 12 de Copacabana, regiões distintas da capital do Rio de Janeiro. Duas investigações foram conduzidas. Na primeira, a autora contrapôs a variação na marcação fonética da concordância em forma padrão, com presença do ditongo (*eles comprar[ẽw̃]*), e forma não padrão, sem presença de ditongo (*eles comprar[õ]* + *eles comprar[õ]*). Em uma segunda investigação, Rocha confrontou formas nasalizadas (*eles comprar[ẽw̃]*) + *eles comprara[õ]*) a formas não nasalizadas (*Eles comprar[õ]*).

No que toca especificamente à análise das variáveis extralinguísticas, Rocha (2018) conclui que: (i) os jovens utilizaram mais ditongos do que os mais velhos; (ii) o uso do ditongo cresceu à medida que a escolaridade aumentou; e (iii) os sujeitos de Copacabana apresentaram uso mais elevado de ditongo do que os da Baixada Fluminense. No que diz respeito à segunda análise (formas nasalizadas *versus* formas não nasalizadas), os resultados divulgados pela autora foram bastante semelhantes: (i) o uso de formas com nasalidade aumentou com a escolaridade; (ii) os jovens usaram mais formas nasais (ditongo/monotongo nasal) do que os mais velhos.

3. METODOLOGIA

Na investigação conduzida neste estudo, levamos em conta dados de fala de 24 informantes nativos e residentes da comunidade não urbana de Florianópolis da Costa da Lagoa, inquéritos de fala que constituem a Amostra Chaves (2016).

A região da Costa da Lagoa, localizada no leste da ilha de Florianópolis, é considerada uma comunidade “isolada” já que o acesso a ela só se dá por meio de barcos ou trilhas. Segundo Dias (2001), a densidade habitacional da Costa, no início dos anos 2000, era de cerca de 1.027 habitantes. A localidade foi ocupada na metade do século XVIII por imigrantes açorianos e, durante o século XIX, transformou-se em um celeiro de Florianópolis, com base em uma agricultura

escravagista (DIAS, 2001, p. 36). A pesca também desempenhou papel bastante significativo na constituição econômica da comunidade durante muitos anos.

Na atualidade, todavia, as atividades agrícolas e pesqueiras não constituem a base da economia local. Com o desenvolvimento do turismo na região, muitas famílias abriram restaurantes de culinária local, voltados especialmente para os turistas. Dessa forma, apesar de os habitantes da Costa não se locomoverem às áreas mais urbanas da cidade de Florianópolis com frequência, é importante ressaltar que o fluxo de turistas e de florianopolitanos na região é bastante intenso.

A escolha, em Chaves (2017), pela análise da região da Costa da Lagoa deu-se em função de o estudo de Monguilhott (2009) ter apontado a localidade, entre as quatro comunidades de Florianópolis investigadas pela pesquisadora, como aquela em que se verificou menor índice de marcação de concordância verbal (73%). Além disso, a fala da Costa é caracterizada por muitos habitantes de Florianópolis como a fala típica do “manezinho”, fala que demarca a identidade ilhéu. No Quadro 7.5, expomos a constituição de nossa amostra.

Quadro 7.5 – Estratificação dos informantes (Amostra Chaves, 2016)

Escolaridade Faixa Etária	Sexo	Nível 1 (de zero a seis anos de estudo)	Nível 2 (de sete a doze anos de estudo)	Nível 3 (acima de 12 anos de estudo)
Faixa A (de 18 a 30 anos)	Fem.	--	2	--
	Masc.	--	2	4
Faixa B (de 31 a 37 anos)	Fem.	--	3	2
	Masc.	1	1	--
Faixa C (de 46 a 59 anos)	Fem.	--	2	--
	Masc.	2	--	--
Faixa D (de 65 a 80 anos)	Fem.	3	--	--
	Masc.	2	--	--
Totais		8	10	6

Fonte: Chaves e Kist (2018, p. 408)

Os 24 informantes entrevistados foram estratificados de acordo com: escolaridade (de 0 a 6 anos de estudo, de 7 a 12 anos de estudo e mais de 12 anos de estudo), sexo (feminino e masculino) e faixa etária (de 18 a 30 anos, de 31 a 37 anos, de 46 a 59 anos e de 65 a 80 anos).

Conforme informações constantes no Quadro 7.5, não foi possível preencher todas as células de pesquisa. Isso ocorreu, principalmente, porque os informantes

com maior faixa etária, em geral, apresentaram, no máximo, até seis anos de escolaridade. Essa constatação é de extrema importância para a investigação subsequente, haja vista que, em função da sobreposição entre as variáveis extralinguísticas *escolaridade* e *faixa etária* (os mais jovens são os mais escolarizados, e os mais velhos, os menos), levaremos em conta exclusivamente a escolaridade como dimensão de análise.

Em relação ao levantamento dos dados, foram considerados todos os casos em situação de concordância verbal P6, exceto: (i) casos de concordância semântica (A maioria das crianças aqui *estudu* à tarde); (ii) sentenças com sujeitos indeterminados (*Levaru* ele pra sala de emergência); (iii) casos com o verbo *ser* impessoal (*Era* três horas); (iv) situações em que a concordância era marcada ortograficamente (*Eles têm*); (v) sentenças em que os verbos *ter* e *haver* exprimiam sentido existencial (*Tinha* oito mulheres lá); e (vi) casos com infinitivo flexionado/não flexionado (*Não vou deixar pra eles quererim* levar depois).

Em seguida, apresentamos os resultados da análise da marcação explícita de CVP6, bem como os resultados relativos à distribuição fonética das terminações verbais com marcas.

4. RESULTADOS

Inicialmente, realizamos uma análise binária (marcação *versus* não marcação de CVP6) em todos os dados levantados. Nossa expectativa, fundamentada nos resultados apresentados por Monguilhott (2001, 2009), estudos que investigaram a fala de Florianópolis, e no estudo-piloto de Chaves (2016), era a de que altos índices percentuais de marcação explícita de CVP6, entre 70 e 80%, fossem encontrados nos dados da Amostra Chaves (2016).

Obtivemos o total de 1.614 dados. Desse valor global, 79,7% dos dados apresentaram marcas explícitas de CVP6. A Tabela 7.2 apresenta os valores totais e percentuais de aplicação e não aplicação do fenômeno de concordância.

Tabela 7.2 – Valores de aplicação da marcação explícita de CVP6

Marcação explícita de CVP6	Não marcação explícita de CVP6
1286/1614 (79,7%)	328/1614 (20,3%)

Fonte: Adaptado de Chaves (2017, p. 262)

Como mostram os resultados constantes na Tabela 7.2, contabilizamos um percentual de marcação explícita de CVP6, como havíamos conjecturado, muito próximo aos valores encontrados nos estudos centrados em dados da Região

Sul do Brasil (MONGUILHOTT, 2001; BARDEN, 2004; WELCHEN, 2009; MONGUILHOTT 2009; CHAVES, 2016). No que diz respeito especificamente à região da Costa da Lagoa, Monguilhott (2009) havia encontrado índice correspondente a 73% de marcação em oposição a 79% verificado por nós na Amostra Chaves (2016). Acreditamos que a taxa percentual de aplicação de CVP6, encontrada em nosso trabalho, possa ser reflexo da maior quantidade de sujeitos em nosso estudo: nosso *corpus* contou com 24 entrevistas da localidade, enquanto o de Monguilhott (2009) dispôs de quatro⁸². Mesmo assim, a distância, em termos percentuais, dos valores encontrados em Chaves (2017), em comparação a Monguilhott (2009), é muito baixa, de apenas 6,7%.

Para procedermos à análise das marcas fônicas de CVP6, do total de 1.614 dados, foram excluídos: (i) os casos em que não verificamos marcas explícitas de concordância (eles *fala*Ø); (ii) os casos em que a marca de concordância verbal não apresentava ditongo nasal átono final em sua terminação (*ele é/ eles são, ele está/ eles estão*); e (iii) os casos classificados como “dados ambíguos” (cf. GUY, 1981).

Os casos ambíguos, segundo nossa avaliação, seriam dois: (i) aqueles em que o ditongo (ejN) seria o único responsável pela marcação da concordância, classificados por Naro (1981) como formas verbais menos salientes (*com*[i]/*com*[ĩ]); e (ii) aqueles em que se observa ocorrência de fenômenos de sândi externo (*Er*[a] *lgumas aula lá, né?!*, (*Er*[õ]s (*uns*) *dois sem vergonha*)⁸³.

Nos casos em que o ditongo (awN) é único responsável pela marcação da concordância, mesmo que o ditongo nasal venha a ser reduzido a [õ] (*eles fal*[õ]) ou reduzido e desnasalizado (*eles fal*[v]), ainda temos a marca de concordância preservada. Consideramos, portanto, que dados ambíguos sejam apenas aqueles com terminação em ditongo (ejN), já que uma forma como *eles com*[i] pode resultar da não marcação explícita de CV ou da atuação do fenômeno variável de RED/DES (GUY, 1981; GUY, 2013; SCHWINDT, 2015; CHAVES, 2014, 2016, 2017, entre outros).

Com a exclusão desses dados, restaram-nos exclusivamente as formas verbais em que o ditongo (ou uma de suas variantes) não era a única marca fônica de concordância. Em acréscimo, em vista dessa distinção entre os ditongos – ditongo

⁸² Monguilhott (2009) analisou quatro localidades de Florianópolis (16 informantes), além de quatro localidades de Lisboa (16 informantes).

⁸³ Como é possível observar nos exemplos, processos de sândi, muitas vezes, geram uma forma superficial de não marcação de concordância ou uma forma de marcação de concordância. Sendo assim, não consideramos tais casos fidedignos nem de uma variante nem de outra.

(ejN) pode apresentar casos ambíguos enquanto o ditongo (awN), não –, optamos por restringir nossa análise apenas aos casos de ditongo (awN). Após a extração dos dados referidos, restaram-nos 796 formas verbais⁸⁴. Na Tabela 7.3, exibimos os resultados relativos à realização fonética do ditongo nasal nesses dados.

Tabela 7.3 – Valores brutos e percentuais de realização fonética da marcação da concordância de P6 – ditongo (awN)

Realização fonética	Realização/Total de dados	Percentual
Monotongo oral [o] (<i>fal[o]</i> , <i>comprar[o]</i>)	513/796	64,5
Monotongo nasal [õ] (<i>fal[õ]</i> , <i>comprar[õ]</i>)	153/796	19,2
Ditongo nasal [ẽw̃] (<i>fal[ẽw̃]</i> , <i>comprar[ẽw̃]</i>)	130/796	16,3

Conforme podemos observar na Tabela 7.3, na comunidade da Costa da Lagoa, verificamos prevalência (64,5%) de uso da forma fonética [u] (*eles falu*, *eles compraru*), forma monotongada oral, para marcar a CVP6 nos casos investigados. Por sua vez, o uso da forma monotongada nasal [õ] foi registrado em 19,2% dos dados e, por fim, o uso do ditongo foi computado em apenas 15,7% dos dados⁸⁵.

Assim como Rocha (2018), opusemos realização oral do ditongo *versus* realizações nasais do ditongo (monotongo nasal e ditongo nasal). Os valores dessa nova análise estão expressos na Tabela 7.4 e Figura 7.1, a seguir.

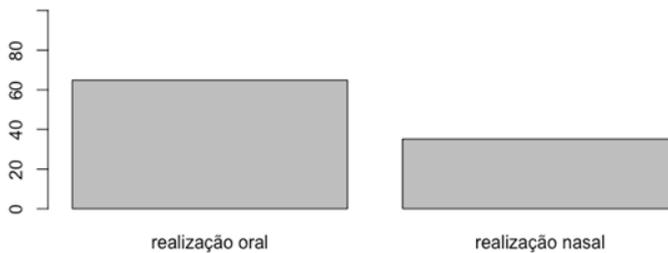
Tabela 7.4 – Índices percentuais de realização fonética da marcação da concordância de P6 – ditongo (awN)

Realização fonética	Realização/Total de dados	Percentual
Realização oral [o] (<i>ficar[o]</i>)	512/796	64,5
Realização nasal l [õ] ou [ẽw̃] (<i>ficar[õ]</i> , <i>ficar[ẽw̃]</i>)	283/796	35,5

⁸⁴ Antes da exclusão de dados não ambíguos com ditongo (ejN), nosso universo amostral era composto por 856 dados. Sendo assim, apenas 60 dados correspondiam a dados com ditongo (ejN).

⁸⁵ Não é possível estabelecer uma comparação direta entre os estudos, haja vista que as autoras referidas levaram também em conta casos com ditongos tônicos.

Figura 7.1 – Realização fonética do ditongo (awN): realização oral [ɔ], realização nasal [õ] ou [ẽw̃]



Como esperado, mesmo com o “amálgama” das variantes nasais sob o rótulo de “realização nasal”, há diferença de cerca de 20% entre a realização fônica nasal (*eles for*[ẽw̃]/ *eles for*[õ]) e a realização fônica oral (*eles for*[ɔ]).

A questão que se apresentou logo a seguir foi: se Rocha (2018) indicou as variantes nasalizadas (ditongo nasal e monotongo nasal) como formas mais frequentes de marcação da concordância na fala de jovens e escolarizados, será que essa distribuição se aplica a nossos dados?

Procedemos, então, a duas análises em função das características de nossa amostra. Na primeira, verificamos a distribuição do uso de formas nasalizadas e não nasalizadas em função da escolaridade dos sujeitos (até 6 anos, até 12 anos, mais de 12 anos de estudo). Na segunda, observamos a estratificação das formas nasalizadas e não nasalizadas por indivíduo. Os resultados relativos à análise correlacionada à escolaridade encontram-se dispostos na Tabela 7.5.

Tabela 7.5 – Análise binária (realização nasal *versus* não nasal por nível de escolaridade)

Escolaridade	Nasal	Não nasal
De zero a seis anos – nível 1	101/305 (33,1%)	204/305 (66,9%)
De sete a 12 anos – nível 2	126/399 (31,6%)	273/399 (68,4%)
Mais de 12 anos – nível 3	56/92 (60,9%)	36/92 (39,1%)
Total	283/796	513/796

Segundo os resultados expostos na Tabela 7.5, apesar de o uso da forma monotongada sem nasalidade (*falu, esperavu, pensar*) corresponder a 64,5% (média encontrada na comunidade como um todo), essa forma de realização do ditongo não é a “preferida” em todos os níveis de escolaridade. O grupo de informantes enquadrado no *nível 1* (de zero a seis anos de estudo) apresentou formas nasais em apenas 33,1% dos casos. Em contrapartida, os sujeitos que fazem parte do *nível 3* usaram majoritariamente as formas nasalizadas (monotongo nasal ou ditongo nasal) na terminação das formas verbais (60,9%). No que toca ao *nível*

2, constatamos índice percentual muito próximo ao do *nível 1* (33,6%). Tais resultados indicam que informantes com curso superior (com mais de 12 anos de escolaridade) utilizam uma tendência distinta de marcação fonética da CVP6 (realizações nasais) da verificada na fala do restante da comunidade da Costa da Lagoa (realização oral).

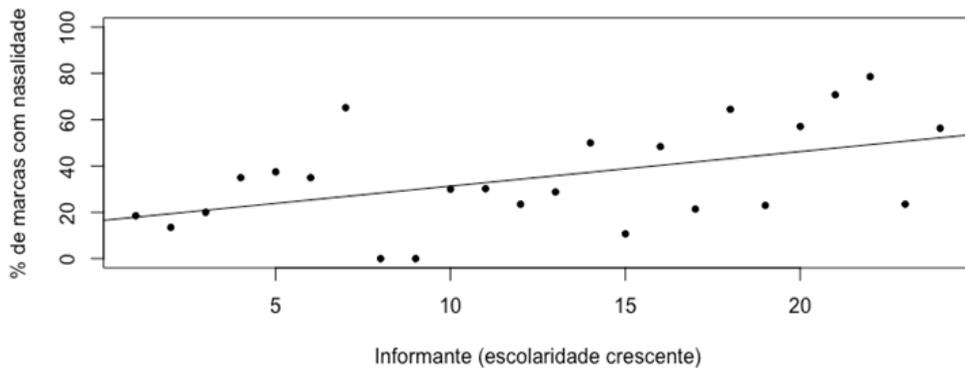
Em função de nossa amostra não ser isomórfica (há menos dados correspondentes ao *nível 3* de escolaridade na comparação aos demais níveis), procedemos a uma análise por informante, a fim de vislumbrar se o comportamento individual estaria, de alguma forma, distorcendo os dados do grupo. Na Tabela 7.6, expomos os valores relativos à produção de formas nasais e não nasais por cada um dos informantes que compõe a Amostra Chaves. Os sujeitos encontram-se dispostos em ordem crescente de escolaridade.

Tabela 7.6 – Realização da terminação das formas verbais de terceira pessoa do plural por informante (valores brutos e percentuais)

Informante	Nasal	Não nasal	Totais
1	5 (18,5%)	22 (81,5%)	27
2	7 (13,5%)	45 (86,5%)	52
3	12 (20%)	48 (80%)	60
4	7 (35%)	13 (65%)	20
5	3 (37,5%)	5 (62,5%)	8
6	7 (35%)	13 (65%)	20
7	60 (65,2%)	32 (34,8%)	92
8	0 (0%)	6 (100%)	6
9	0 (0%)	20 (100%)	20
10	6 (30%)	14 (70%)	20
11	16 (30,2%)	37 (69,8%)	53
12	4 (23,5%)	13 (76,5%)	17
13	17 (28,8%)	42 (71,2%)	59
14	9 (50%)	9 (50%)	18
15	6 (10,7%)	50 (89,3%)	56
16	30 (48,4%)	32 (51,6%)	62
17	15 (21,4%)	55 (78,6%)	70
18	20 (64,5%)	11 (35,5%)	31
19	3 (23,1%)	10 (76,9%)	13
20	4 (57,1%)	3 (42,8%)	7
21	17 (70,8%)	7 (29,2%)	24
22	22 (78,6%)	6 (21,4%)	28
23	4 (23,5%)	13 (76,4%)	17
24	9 (56,2%)	7 (44,8%)	16
Totais	283	513	796

Com o intuito de tornar mais simples a visualização dos resultados expostos na Tabela 7.6, apresentamos, na Figura 7.2, um gráfico de dispersão. Cada ponto do gráfico retrata o comportamento, em termos percentuais, dos 24 informantes no que diz respeito ao uso das variantes nasalizadas (monotongo nasal + ditongo nasal).

Figura 7.2 – Gráfico de dispersão por informante: percentual de uso de formas nasalizadas por informante disposto em escolaridade ascendente ($r = +0,48$, $p < .01^{**}$)



Além do aumento da nasalidade conforme a escolaridade, constatamos também, na análise por indivíduo, a mesma tendência: a elevação da concordância com formas nasalizadas está correlacionada ao grau de instrução do informante. De fato, quatro dos cinco sujeitos enquadrados no grupo *nível 3* (com mais de 12 anos de estudo) – Informante 20 (57,1%), Informante 21 (70,8%), Informante 22 (78,6%) e Informante 24 (56,2%) – apresentaram índices acima de 50% de emprego de formas nasalizadas. Apenas o Informante 23 exibiu baixo índice de uso de terminações nasais (23,5%).

Diante do exposto, podemos considerar que, de certo modo, há um comportamento homogêneo entre os informantes mais escolarizados no que concerne à realização nasal da marcação explícita de CVP6. Tal constatação é corroborada pelo teste de correlação de Pearson, o qual indica correlação positiva de força moderada entre percentual de uso de formas nasalizadas e informante em escala ascendente de escolaridade ($r = +0,48$, $p < 0,01^*$).

Assim, constatamos que os sujeitos mais escolarizados (que, em nossa amostra, coincidem com os sujeitos mais jovens) tendem a marcar CVP6 com a variante [õ] ou variante [ẽw̃] (formas nasalizadas, portanto). Os resultados deste estudo vão, desse modo, ao encontro dos de Rocha (2018), a qual verificou a mesma tendência em dados de fala carioca (Cf. Seção 7.2).

A correlação positiva entre a marcação de CVP6 e o aumento da escolaridade é consenso na literatura. Avançamos, portanto, ao verificar estratificação na marcação fônica da concordância de P6. Assim sendo, neste texto, afirmamos que há outra dimensão nos estudos da marcação explícita da CVP6 em formas verbais terminadas em ditongos nasais átonos finais: a dimensão fonética. Em suma, verificamos estratificação social não só da marcação da concordância na comunidade da Costa da Lagoa (CHAVES, 2017) como também na forma de como os “ditongos”, verificados em uma ampla gama de formas verbais de P6, são realizados na superfície.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos uma análise da estratificação da realização fonética de terceira pessoa do plural com terminação em ditongo nasal (awN) átono. Os resultados exibidos mostraram estratificação social das marcas de concordância: os informantes mais escolarizados, aqueles com mais de 12 anos de estudo, apresentaram o dobro de uso de formas superficiais com terminação nasal (falar[ẽw̃], falar[õ]) se comparados aos menos escolarizados, aqueles com até 6 anos de estudo. Os resultados divulgados estão na mesma direção dos achados de Rocha (2018) para dados da fala carioca.

Podemos conjecturar a possibilidade de que a produção fônica das marcas de concordância seria avaliada positiva ou negativamente pelos falantes/ouvintes do PB (e não apenas a presença ou ausência de marcação de P6). Em outras palavras, supomos que, além do *status* atrelado à presença de marcas de concordância, haveria também a possibilidade de a produção do ditongo ou do monotongo nasal dessas marcas vincular prestígio. Para isso, no entanto, destacamos a necessidade de realização de testes de avaliação subjetiva, os quais poderiam nos fornecer mais subsídios para essa discussão.

NOTAS DA AUTORA

A discussão apresentada neste capítulo toma como base parte dos resultados apresentados na tese de doutorado intitulada “A redução/desnasalização de ditongos nasais átonos finais e a marcação explícita de CVP6: um estudo de correlação” (Chaves, 2017). O estudo foi desenvolvido sob a orientação da Prof^ª. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho e co-orientado pela Prof^ª. Dra. Izabel Christine Seara, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) entre o período de 2013 e 2017.

É inquestionável o papel da Prof^a. Dra. Izete Lehmkhul Coelho na condução e/ou orientação de pesquisas acerca da variação da concordância verbal na Região Sul do Brasil. Em especial, destacamos as contribuições da Professora nas pesquisas relativas à concordância verbal de terceira pessoa do plural. Izete foi orientadora do primeiro estudo sobre o fenômeno de marcação de CVP6 na Região Sul do Brasil (Monguilhott, 2001). Além da orientação de trabalhos sobre a CVP6 (MONGUILHOTT, 2009; CHAVES, 2017; FERMINIO, 2017), também contribuiu com a publicação de artigos sobre o tema (Coelho; Monguilhott, 2007; Monguilhott; Coelho, 2011), bem como com uma série de outras publicações que dialogam diretamente com o fenômeno em questão.

REFERÊNCIAS

- Barden, L. T. V. *A variação na concordância verbal na terceira pessoa do plural*. 2004. 74f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- BATTISTI, E. A redução de ditongos nasais átonos. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (orgs.) *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 183 – 202.
- BOPP DA SILVA, T. *A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo entre falantes bilíngües e monolíngües do Rio Grande do Sul*. 2005. 156f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- CAMARA JR., M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013 [1970].
- CHAVES, R. G.; KIST, G. S. Escala de distinção fonológica: uma nova proposta para a variável Saliência Fônica. *Diadorim*. Rio de Janeiro, vol. 20, n. 2, p. 398 - 417, jul.-dez. 2018.
- CHAVES, R. G. *A redução/desnasalização de ditongos nasais átonos e a marcação explícita de CVP6: um estudo de correlação*. 2017. 359f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- CHAVES, R. G. Influência de processos fonológicos na marcação explícita de CVP6. *ReVEL*, edição especial, n. 13, p.181-206, 2016.
- CHAVES, R. G. Princípio de saliência fônica: isso não soa bem. *Letrônica*. Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. , p. 522-550, jul./dez., 2014.

COELHO, I. L.; MONGUILHOTT, I de O. e S. Correlação entre ordem do sujeito e concordância verbal: um estudo das restrições sintático-semânticas. *Cadernos de Pesquisas em Linguística* (PUCRS), v. 3, p. 37-51, 2007.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008 [1985].

DE BONA, C. *O papel da frequência lexical em fenômenos fonológicos condicionados morfologicamente do português brasileiro*. 2018. 151f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

DIAS, E. *Perfil sócio-econômico, histórico e cultural da comunidade Lagoa, Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC*. 2001. 140f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

FERMINIO, P. *A variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural em textos escritos e orais de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis*. 2017. 210f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

FREITAG, R. M. K. Saliência estrutura, distribucional e sociocognitiva. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 40, n. 2, p. 1-11, 2018.

GOMES, Cristina Abreu; MESQUITA, C.; FAGUNDES, T. da S. *Diacrítica* (Braga), v. 27, n. 1, p. 153–173, 2013.

GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. 1981. 391f. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística). Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981.

GUY, G. R. The cognitive coherence of sociolects: How do speakers handle multiple sociolinguistic variables? *Journal of Pragmatics*, v. 52, n. X, p. 63–71, 2013.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos* (Tradução: Marcos Bagno, Marta Maria Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Cambridge: Blackwell, 2001.

LABOV, W. Building on empirical foundations, In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências Básicas do Português*. Relatório Final apresentado às instituições Fundação Ford e Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), 1977.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; ALVES DA SILVA, J. A. Concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; ALVES DA SILVA, J. A. *O português afro-brasileiro*. Salvador: UDUFBA. 2009, p. 331-370.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. 2001. 99f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e PE*. 2009. 229f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MONGUILHOTT, I. de O. e S.; COELHO, I. L. Sujeito: entre ordem e concordância. *Diadorim (Rio de Janeiro)*, v. 8, p. 307–328, 2011.

NARO, A. J.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: STEEVER, Sandord B. et al. (eds.) *Papers from the parasession on Diachronic Syntax*. Chicago: Chicago Linguistic Society, p. 221-241, 1976.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *LSA, Language*, v. 57, p. 63-98, 1981.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NICOLAU, E. M. das D. *A Ausência de Concordância Verbal em Português: uma abordagem sociolinguística*. 1984. 196fls. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1984.

NICOLAU, E. M. das D. A influência da constituição morfológica da forma verbal na ausência de concordância em Português. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, n. 3, v. 2, p. 41-67, 1995.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

ROCHA, J. *Expressão da desinência verbal de P6 na variedade urbana carioca: interface fonética-morfossintaxe para o tratamento da concordância*. 2018. 44f.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. A concordância de número no Português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, Dermeval (org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 93-114.

SCHWINDT, L. C.; BOPP DA SILVA, T. Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (orgs.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 13–33.

SCHWINDT, L. C.; BOPP DA SILVA, T.; QUADROS, E. S. de. O papel da morfologia na redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil. In: LEE, Seung-Hwa (ed.) *Vogais além de Belo Horizonte*, UFMG, 2012, p. 340-359.

SCHWINDT, L. C. Um output, dois processos. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 1, p. 551–568, 2015.

SILVA, T. C.; FONSECA, M. S.; CANTONI, M. A redução do ditongo [ãw] postônico na morfologia verbal do português brasileiro: uma abordagem baseada no uso. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 283-292, 2012.

VIEIRA, S. R. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do Norte Fluminense*. 1995. 186 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

VIEIRA, S. R. A não-concordância em dialetos populares: uma regra variável. *Graphos*, v. 2, n. 1, p. 115–133, 1997.

VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. M. Patterns of third person verbal agreement. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 12, n. 2, p. 7-50, 2013.

VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. A concordância da terceira pessoa plural: padrões em variedades do Português. 2013. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues (org.). *A concordância em variedades do Português: a interface fonética-morfossintaxe*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, p. 29-75, 2015.

VIEIRA, S. R., BRANDÃO, S.; GOMES, D. K. A expressão fonética de terceira pessoa do plural no português do Brasil: uma agenda de pesquisa para o tratamento da variável saliência fônica. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues. (org.). *A concordância em variedades do Português: a interface fonética-morfossintaxe*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, p. 104-147, 2015.

VOTRE, S. J. *Aspectos da variação fonológica na fala dos analfabetos do Rio de Janeiro*. 1978. 202f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].